

RESISTÊNCIA, RELIGIOSIDADE E ETNICIDADE ENTRE OS TERENA DA ALDEIA BURITI/MS: APONTAMENTOS SOBRE A PROMESSA QUE SE TORNOU ‘TRADIÇÃO’*

“Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)”

Graziele Acçolini

Docente FCH/PPGAnt/UFGD

Rafael Allen Gonçalves Barboza

Doutorando PPGAnt/UFPel

RESUMO

Os Terena da aldeia Buriti (Dois Irmãos do Buriti/MS) realizam a Festa de São Sebastião há mais de noventa anos, sendo esta composta por várias etapas e rituais. São Sebastião foi ressignificado e considerado padroeiro da aldeia Buriti tornando-a ‘tradicional’ entre os Terena de Buriti. Inspirando-se no conceito de ‘estruturas performáticas’ de Sahlins (1990) é possível pensar a Festa de São Sebastião como elemento que já é parte dessa sociedade. Essa Festa foi iniciada a partir da década de 1920 como uma promessa realizada em meio a uma epidemia de febre amarela que assolou a região. Frente a este tema, inevitavelmente depara-se com aspectos religiosos ‘tradicionais’/‘ocidentais’, mas também com organizacionais e políticos que refletem relações intra e interétnicas. A Festa de São Sebastião contribui para a reelaboração étnica dos Terena de Buriti, apontando um campo fértil para se refletir sobre noções como ‘tradição’, ressignificações e etnicidade.

Palavras chave: Terena; Religiosidade; Etnicidade.

INTRODUÇÃO

Este artigo foi inspirado e pensado pelos autores através de dados obtidos por pesquisas de campo realizadas entre os Terena da T. I. Buriti, mais especificamente na aldeia Buriti pertencente ao município de Dois Irmãos do Buriti, no Estado de Mato Grosso do Sul. Essa aldeia se coloca como majoritariamente católica sendo proibido ali a entrada de igrejas evangélicas e é onde se realiza anualmente a Festa em homenagem a São Sebastião.

A Festa de São Sebastião realizada pelos Terena da aldeia Buriti ocorre todo ano em meados de janeiro. Os Terena realizam tal Festa de forma sistemática e metódica, respeitando as várias etapas e os rituais que integram sua organização.

No decorrer da pesquisa e através de muitos diálogos entre os autores e os interlocutores (e amigos) Terena, evidenciou-se que São Sebastião está implicado no processo de territorialização, e contribuiu/ contribui para a reelaboração étnica desse

*Este artigo encontra-se na íntegra em Dossiê Religiões: suas imagens, performances e rituais; GIS – Revista de Antropologia, USP, 2022.

grupo. O processo de territorialização de acordo com Oliveira Filho (1998) resultou em uma adaptação da organização social e da cultura Terena a uma nova situação histórica e político-administrativa, relacionada à vida em uma área bem menor se comparada aos 30.000 hectares que ocupavam até o início do século XX; atualmente, com as retomadas das terras tradicionais, a área chega a 17.200 hectares. Os últimos dados populacionais de que se dispõe sobre a T. I. Buriti pela FUNAI/CampoGrandereferem-se ao ano de 2010, onde consta uma população de 2.543 habitantes.

A Festa de São Sebastião atualiza as alianças entre os Terena de Buriti e outros grupos étnicos, incluindo não indígenas. A atualidade do povo Terena de Buriti e a Festa de São Sebastião como elemento que já é parte dessa sociedade, parece se adequar de certa forma ao conceito de ‘estrutura performativa’ de Sahlins (1990).

Esquemáticamente, essas estruturas são definidas em relação aos acontecimentos circunstanciais, o inevitável encontro com a prática, ou com os riscos empíricos colocados às categorias culturais. Nas sociedades estruturadas performativamente, estes acontecimentos circunstanciais são valorizados pela diferença com que se apresentam frente ao sistema constituído, enquanto as estruturadas prescritivamente valorizam tais acontecimentos, pautadas na semelhança frente ao arranjo social existente.

No encontro com a prática, os acontecimentos são interpretados pela comunidade de significação e justamente por ela esses são valorizados ou não, prescritiva ou performativamente. Esta interpretação, baseada nos significados fornecidos pela ordem cultural, se transforma num evento e adquire uma significância histórica.

Percebe-se que neste contexto este ‘evento’ exerce um grande poder de influências/relações intra e interétnicas, nas tomadas de decisões e articulação do movimento político na Terra Indígena Buriti, sendo responsável pela construção de alianças e identidades. Os Terena da aldeia Buriti, também os da T. I. e região (indígenas e não indígenas), consideram essa aldeia emblemática por celebrar a Festa de São Sebastião há mais de 92 anos, por conta da promessa realizada pelas inúmeras mortes ocorridas pela febre amarela na década de 1920; a Festa é reconhecida como a ‘tradicional Festa de São Sebastião dos Terena de Buriti’.

Ainda, nos caminhos de Sahlins (1990), o evento é a relação entre um acontecimento e a estrutura, “... o fechamento do fenômeno em si mesmo enquanto valor significativo, ao qual se segue sua eficácia histórica específica...” (1990, 5).

Se os Terena de Buriti reconhecem São Sebastião como padroeiro da Terra Indígena de Buriti, isso foi possível, pois a sociedade Terena parece se apresentar com

uma estrutura performática. A relação de São Sebastião e sua simbologia entre esses Terena parece sintetizar sua visão de mundo, que valoriza e insere o que se coloca como ‘diferente’ frente à sua estrutura social:

Os significados são, em última instância, submetidos a riscos subjetivos, quando as pessoas, à medida que se tornam socialmente capazes, deixam de ser escravos de seus conceitos para se tornarem seus senhores. “A questão é” disse Alice, “se podes fazer com que uma palavra queira dizer tantas coisas diferentes”. “A questão é”, disse HumptyDumpty, “quem será o senhor- somente isto” (Sahlins 1990,11).

Neste artigo, a Festa de São Sebastião será apresentada a partir de dados, contatos e interações que se deram na aldeia Buriti entre os meses de novembro de 2017 e janeiro de 2018.

PRIMÓRDIOS DA FESTA DE SÃO SEBASTIÃO

Em janeiro de 2018 o ancião Terena Juscelino Bernardo Figueiredo, o principal festeiro de São Sebastião na aldeia Buriti explicou que em 1920 muitos Terena de Buriti estavam morrendo acometidos pela febre amarela, muitos, às vezes, mais de cinco por dia. Seu pai José Figueiredo que era koixomuneti/purungueiro (xamãs Terena) e filho de Joaquim Figueiredo (um dos primeiros caciques da T.I. Buriti) foi o responsável pela oficialização da Festa de São Sebastião. Ele nos contou que foi através de um sonho que seu pai José iniciou a relação com São Sebastião.

Segundo seu Juscelino, no sonho de seu pai, alguém falou para ele que chegaria uma pessoa com uma coisa, e que era para ele fazer o que sentisse que era para ser feito. Após uns dias, um fazendeiro que morava na região e que tinha um relacionamento positivo com os Terena e também fazia atendimentos espirituais com seu José Figueiredo, chegou com a imagem de São Sebastião e o deu de presente. Segundo seu Juscelino, seu pai naquele momento sentiu no seu coração que deveria fazer uma promessa para aquele santo que tinha acabado de conhecer. Sua promessa foi que se as mortes cessassem todo ano ele faria a Festa para São Sebastião e, mesmo depois de morto, seus filhos e netos continuariam a realizá-la.

O ancião Noel Patrocínio, nascido na década de 1930, lembra-se que ouviu de seus pais que foi um dos piores momentos vividos por eles, pois todos os dias morriam muitos Terena e foi através da promessa do pai do Sr. Juscelino que as mortes cessaram.

Ele ainda explicou que naquela época ninguém sabia o que era febre amarela e as pessoas morriam sem saber a causa.

Cada Festa de São Sebastião dos Terena da aldeia Buriti não é um acontecimento comum. Como mencionado, essa Festa é um “evento” (Sahlins, 1990), pois sua importância é dada pela interpretação do grupo.

A professora/ pesquisadora Terena e neta do Sr. Juscelino Figueiredo da aldeia Buriti e festeira de São Sebastião, aborda as trocas dos Terena com outros povos:

Criando um espaço, os Txané-Guaná faziam negociações com outros povos e, com isso, adquiriam conhecimentos dessas culturas e os adequavam ao seu modo de ser ou à realidade, trazendo para dentro da comunidade outros conhecimentos que passavam a fazer parte da sua cultura (Farias, 2015.p. 24).

Podemos pensar que os Terena de Buriti se apropriaram da Festa de São Sebastião de acordo com seu esquema cultural e é através da realização dessa Festa que adquiriu uma significância histórica que parece se perpetuar através das gerações.

Sobre as incorporações religiosas nos territórios Terena, Acçolini afirma que:

Queremos com isso frisar que acreditamos não ser possível classificar como culturas inautênticas aquelas que convivem e se adaptam (adaptar-se e não tornar-se) a ordens culturais distintas da sua própria, reconstruindo sua alteridade na mudança, mesmo que demarcando-a, conforme o contexto, com signos ocidentais do índio. Para nós, os Terena demonstram a vivacidade das interações e trocas culturais entre os povos, incluindo aí suas relações com a sociedade nacional e a incorporação de religiões que agora fazem parte do seu sistema sociocultural (Acçolini, 2015, p. 23/24).

O professor e pesquisador Terena Eder Alcântara Oliveira explicou sobre as influências de diferentes religiões na aldeia Buriti e a ressignificação de São Sebastião, afirmando que:

Nós adotamos São Sebastião na cultura Terena de Buriti como padroeiro da aldeia Buriti, há registros de freiras que moraram na aldeia Buriti e que aqui tem predominância católica. Também está sendo introduzida na aldeia Buriti influências de religiões afro, além das várias igrejas evangélicas em toda T.I. Mas mesmo assim nós continuamos praticando a religião tradicional Terena. (Caderno de campo, 2018).

Ainda pensando como Sahlins (1990, 192): “toda *práxis* é teórica. Tem sempre início nos conceitos dos atores e nos objetos de sua existência, nas segmentações culturais e nos valores de um sistema *a priori*”.

O CONTEXTO DA T.I. BURITI

A superpopulação gera conflitos e dificulta a convivência entre lideranças das aldeias, esse é um dos motivos que fazem com que os Terena da Terra Indígena de Buriti lutem por suas antigas áreas, necessárias para sua reprodução física e cultural. Sabemos que essas áreas são disputadas por interesses econômicos. Isso retrocede a década de 20, a iniciação da intensificação de estabelecimentos agropecuários na região.

Estudos realizados na década de 2000 atestam que a ocupação Terena no território que hoje é Terra Indígena Buriti, se deu bem antes da titulação de terras a favor de particulares, o que se intensificou após a guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança (Oliveira; Pereira, 2012).

De acordo com Fonseca (2017), ocorreram três processos de territorialização na T.I. Buriti. O primeiro ocorreu na Guerra do Paraguai (1864 a 1870) com a intensa participação Terena; o segundo aconteceu entre as décadas de 1910 a 1930 com a implementação de uma política oficial de assentamento, sendo implantada pelo órgão SPI. Importante ressaltar que nesse período se iniciou a Festa de São Sebastião, e o terceiro momento (e atual processo) se iniciou nos anos 2000, que é a situação de retomada do território tradicional.

A Festa de São Sebastião na aldeia Buriti é importante por muitos motivos, dentre os quais é um dia para se lembrar da epidemia da febre amarela, do início de um processo de territorialização de acordo com Oliveira Filho (1998), uma mudança na organização social e cultural Terena a uma nova situação histórica, relacionada diretamente com a fome devido à diminuição abrupta de seu território tradicional.

A Terra Indígena Buriti está localizada nos atuais municípios de Dois Irmãos do Buriti e Sidrolândia. Em 2013 a T.I. Buriti estava organizada em oito aldeias: Córrego do Meio, Água Azul, Recanto, Oliveira, Lagoinha, Barreirinho, Olho D`Água e Buriti. Após a homologação da reivindicação pelo aumento do território tradicional, desde 2018 a Terra Indígena Buriti está contando com 15 aldeias. Foi uma estratégia o processo de ocupar a extensão total do território que está em processo de demarcação.

A T.I. Buriti é predominantemente habitada pela etnia Terena, através dos casamentos ocorridos com outras etnias, contam com uma pequena população de Kadiwéu, Kinikinau e Purutuye (palavra Terena para designar o não indígena).

Mesmo que a aldeia Buriti festeje São Sebastião, um santo cristão/católico em sua origem, esses Terena são conscientes de que isso não faz com que eles sejam menos

Terena. Ao contrário, o reconhecimento como Terena de Buriti inclui em seu arcabouço cultural São Sebastião, como elemento sociocultural e cosmológico. Este reconhecimento se dá mesmo frente a toda complexidade da sociedade nacional/regional em que estão inseridos e, como sujeitos, protagonizam sua história também a partir de apoderar do mundo do ‘outro’, englobados e englobando-os.

Durante a Festa de São Sebastião dos Terena da aldeia Buriti a afirmação da etnicidade é ressaltada em cada rito na preparação e durante a Festa propriamente dita. Através da Festa é possível observar a vitalidade do xamanismo mesmo diante do catolicismo, as divisões de tarefas entre homens e mulheres na preparação das comidas do santo e as tentativas de fundamentar e ressignificar as histórias sobre o próprio território. A partir desse contexto é possível perceber a longa luta política Terena por seu território tradicional.

A Festa de São Sebastião é composta por várias etapas, marcadas por rituais de devoção. Foi possível através dessa Festa observar várias esferas que compõem a vida na aldeia Buriti, sua organização social, as articulações políticas e as relações sociais com outros indígenas e não indígenas que afirmam a identidade étnica, momento de efervescência para toda T.I. Buriti.

A Festa de São Sebastião da aldeia Buriti caracteriza uma manifestação de fé, e a fé sem a esperança parece não existir! É por meio dela que a comunidade da T.I. Buriti conserva suas características, assegurando a manutenção de símbolos, valores e a esperança de condições de vida dignas relacionada a terra, a saúde e a educação. A Festa se converte em uma grande celebração religiosa, permanecendo na memória de quem esteve nela, reforçando os vínculos sociais e o sentimento de pertencimento; ela fornece espaços de socialização e possibilita a construção e manutenção da identidade Terena de Buriti.

Acerca do conceito de ‘cultura’ e ‘tradição’, recorro também à Cunha quando a autora argumenta que:

[...] A construção da identidade étnica extrai assim, da chamada tradição, elementos culturais que, sob a aparência de serem idênticos a si mesmos, ocultam o fato essencial de que, fora do todo em que foram criados, seu sentido se alterou. Em outras palavras, a etnicidade faz da tradição ideologia, ao fazer passar o outro pelo mesmo; e faz da tradição um mito na medida em que os elementos culturais que se tornaram “outros”, pelo rearranjo e simplificação a que foram submetidos, precisamente para se tornarem diacríticos, se encontram por isso mesmo sobrecarregados de sentido. ... (Cunha, 2009, p. 239).

Os Terena de Buriti, ao longo do tempo, se organizaram e criaram uma resistência permanente através de estratégias, podendo ser a Festa pensada como uma delas.

Nesse sentido, parece ser possível pensar no conceito de “agência” nos moldes de Terence Turner, a capacidade de ação histórica dos povos indígenas:

[...] Terence Turner defendeu uma visão instrumental e histórica da cultura, em contraposição a concepções correntes que fariam dela uma ordem simbólica autodeterminante, dissociada de sua gênese na ação social e na intencionalidade humana. Para Turner, a cultura é precisamente “o sistema de formas significativas de ação social”, portanto, “ela deve ser entendida, essencialmente, como o meio pelo qual um povo define e produz a si mesmo enquanto entidade social em relação à sua situação histórica em transformação...” (Turner, 1987 *apud* Sahlins, 1997, p. 122)

A PROMESSA QUE SE TORNOU ‘TRADIÇÃO’

Nas décadas de 1920 e 1930 quando se iniciou o processo de aldeamento e a retirada dos indígenas de seus territórios tradicionais, os Terena da Terra Indígena Buriti foram impactados pelo processo de interação com o Estado Nacional: mortes, causadas pela febre amarela, a fome proporcionada pela diminuição drástica do território tradicional e o advento da exploração do capitalismo relacionado a pressão dos sistemas de produção sobre seu território (especulação das terras indígenas) e intensificação da utilização de mão de obra indígena. O “moderno” se apresentou de maneira tão cruel que impactados negativamente recorreram a novas estratégias (ação) e a promessa a São Sebastião pode ser pensada como uma dessas, além de poder ser percebida como um marcador geracional.

A Festa de São Sebastião é um desses momentos de caráter comemorativo, mas também de articulação política. Muitos se organizam em caravanas provenientes de outras aldeias do Estado de MS, além dos muitos não indígenas. A Festa é composta por várias etapas, marcadas por rituais de devoção em busca de uma graça e pagamento de promessas.

Um dos atores envolvidos na celebração é o Festeiro. Festeiro, como categoria êmica, é o responsável pelos dias das festas que antecedem a Festa principal que ocorre no dia 19 de janeiro; cada dia de Festa é realizado por uma família denominada de festeira. Os festeiros(as) são pessoas que não percorrem a peregrinação que se inicia no mês de novembro, arrecadando doações para as celebrações anuais.

O atual festeiro Juscelino Figueiredo (nascido em 1941) explicou que a Festa de São Sebastião na aldeia Buriti teve início entre as décadas de 1920 a 1930 devido às muitas mortes causadas pela febre amarela. Ele contou que a Festa de São Sebastião, foi resultado de uma promessa que seu pai fez ao santo. Naquele tempo não tinha médico, não tinha remédio, só raízes e benzeção, orações. Seu pai não se ocupava muito dos remédios feitos com raízes, mas tinha uma capela e acreditava no seu poder com Deus.

No dia de finados, dois de novembro, se inicia um conjunto de rituais e a peregrinação, que tem como objetivo arrecadar doações para a Festa, e é marcada pela realização de uma missa.

Ainda no dia primeiro de novembro de 2017 foi organizado um mutirão na aldeia Buriti, para a limpeza da aldeia e do cemitério. Às vinte horas desse mesmo dia houve um terço rezado na capela de São Sebastião, que foi construída ao lado da casa do Sr. Juscelino Bernardo Figueiredo, onde também se encontra a cozinha coletiva construída ‘pelo’ Santo e ‘para’ o Santo. Nessa reza do terço reuniram-se vários anciãos da aldeia Buriti. Durante o terço os devotos de São Sebastião faziam pedidos e agradecimentos em cada “*pai nosso*”.

O terço tem a intenção de relembrar os mortos, afastar os maus espíritos e abençoar os folieiros em seus sacrifícios, com a intenção de que a arrecadação de presentes para a realização da Festa do Santo seja generosa. No terço há a presença dos folieiros e, conseqüentemente, se lembra da epidemia de febre amarela onde muitos Terena morreram. Após o terço foi servido um jantar na cozinha coletiva, a qual foi construída na aldeia através de doações em homenagem a São Sebastião; essa cozinha foi construída ao lado do barracão utilizado tanto para festas como para grandes reuniões e da capela de São Sebastião; ela é usada principalmente durante a Festa do santo.

No dia 02 de novembro de 2017, às oito horas da manhã foi realizado um grande encontro na capela; entre os devotos de São Sebastião esse encontro é o início da peregrinação dos folieiros de São Sebastião.

Essa tarefa, a peregrinação, é realizada pelos folieiros, outra categoria êmica, que geralmente se constitui por pessoas que fizeram alguma promessa. O papel deles é percorrer um caminho específico fora da aldeia, passando pelas fazendas da região, com a Bandeira de São Sebastião, cantando, tocando e rezando em cada casa, chamada por estes de pouso, com a finalidade de arrecadar doações para a Festa do santo.

As doações recebidas pelos folieiros são diversas como: macarrão, arroz, mandioca, legumes, vacas inteiras, dinheiro; cada doador oferece o que pode. A

mobilização nessa etapa inicial vai além da Terra Indígena Buriti; nota-se o grande número de pessoas envolvidas que contribuem para a realização dessa Festa. Esse evento pode ser caracterizado como um fenômeno social ‘total’ (Mauss, 1950/2013), pois em primeiro lugar não é uma simples troca de bens entre indivíduos e sim da coletividade. Apesar de ter no primeiro momento uma característica voluntária, no fundo é rigorosamente obrigatório. Sobre os clãs, tribos, famílias, Mauss expõe que:

Ademais, o que eles trocam não são exclusivamente bens e riquezas, bens móveis e imóveis, coisas úteis economicamente. São antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras... Enfim, essas prestações e contraprestações se estabelecem de uma forma, sobretudo voluntária, por meio de regalos, presentes, embora elas sejam no fundo, rigorosamente obrigatórias, sob pena de guerra privada ou pública (Mauss, 1950/2013, p.191).

Nota-se, assim, o importante papel que desenvolvem os folieiros; além de devotos assumem o importante papel de agentes históricos; a peregrinação possibilita que os mais jovens possam conhecer o passado do seu território e de seus antepassados, além da flora e fauna da região, sendo um complemento no ensino e aprendizagem dos próprios saberes Terena.

Quando esboçado que os folieiros da Festa de São Sebastião podem ser considerados agentes históricos, deve-se a interação deles com a história da aldeia Buriti. Eles influenciam as gerações mais jovens através dos discursos e da ação desenvolvida, o que os faz figura histórica da Festa de São Sebastião.

Nem todo ano a quantidade de folieiros é a mesma, ela varia. Eles passam em cadacasa com a Bandeira e realizam três cantos. O primeiro canto anuncia a chegada, quando é feito o pedido de recebimento da Bandeira pelo morador da casa. O morador recebe a Bandeira com a imagem de São Sebastião e em curto período de tempo ele leva a Bandeira em todos os cômodos da casa. Junto a essa ação este morador faz orações pedindo a São Sebastião proteção, felicidade e saúde.

Quando o segundo cântico se inicia, ele anuncia a hora da despedida. O morador retorna neste momento com a Bandeira no cômodo em que estão os folieiros, geralmente na sala quando não se tem varanda. Esse também é o momento em que o morador formaliza a doação para a realização da Festa na frente de todos.

Logo após o segundo cântico se inicia o terceiro que especificamente é direcionado à família da residência que está sendo visitada e, quem recebeu a Bandeira se ajoelha e faz as últimas orações. Após esse ritual os folieiros seguem para as próximas residências que continuam com o mesmo ritual. Eles fazem essa peregrinação até o dia

19 de janeiro, quando a Bandeira retorna para aldeia Buriti e anuncia o início da Festa e o dia de São Sebastião.

É possível observar que não é só o momento da Festa onde ocorre a manutenção de alianças intra e interétnicas; a peregrinação é um momento complexo que revitaliza as relações preexistentes. É uma dádiva receber a Bandeira de São Sebastião em sua casa e a graça do santo. Um momento de puro prestígio entre os devotos e como retribuição uma doação para a Festa do Santo. Podemos pensar na reciprocidade, no ato de dar, receber e retribuir de Mauss (1950/2013):

[...] dois elementos essenciais do potlatch propriamente dito são nitidamente atestados: o da honra, do prestígio, domana que a riqueza confere, e o da obrigação absoluta de retribuir as dádivas sob pena de perder esse mana, essa autoridade, esse talismã e essa fonte de riqueza que é a própria autoridade (Mauss, 1950/ 2013, p.195).

No primeiro momento as doações do ano anterior são retribuídas com a graça do santo e a visita dos folieiros no ano atual; as doações atuais serão retribuídas no próximo ano, assim mantendo a aliança que se renova a cada ano, sendo necessário um período de tempo para retribuir; o santo não recebe à débito, mas à crédito.

A comparação feita por Mauss (1950/2013) se relaciona às dádivas feitas e retribuídas com o sistema de compra e venda. Para ele o sistema da dádiva, apesar de levar em consideração o religioso, ele é complexo, de uma economia extra doméstica e muito desenvolvida. A dádiva implica a noção de crédito e juros. O “tempo” é necessário para executar qualquer contraprestação. É um sistema de direito e de economia no qual se consomem e se transferem constantemente riquezas consideráveis.

Existe a promessa de no ano seguinte se fazer doações maiores ao santo se alcançarem as graças pedidas e essa nova dádiva é paga no ano seguinte, que já será o retribuir da antiga dádiva do santo e conseguir novas. Conforme afirma Mauss (1950/2013, p. 193): “o mais importante, entre esses mecanismos espirituais, é evidentemente o que obriga a retribuir o presente recebido”.

Retornando aos Festeiros(as) e seu papel tão fundamental quanto o dos Folieiros, estes se colocam como os grandes anfitriões no retorno da Bandeira de São Sebastião à aldeia Buriti. Os Festeiros (as) são os responsáveis pelas comemorações, ‘festas’, que antecedem o dia 19 de janeiro, dia dedicado ao Santo e onde se encerra todo o ciclo do percurso da Bandeira pela região e seu retorno à capela.

Os fogos de artifícios e a cantoria do hino de São Sebastião anunciam a chegada da Bandeira. A Festa modifica o cenário da aldeia Buriti e altera a rotina de seus moradores; os quintais são limpos, as casas enfeitadas, e sempre tem algum alimento ou bebida para ser oferecida pelos donos da casa aos devotos que participam da peregrinação. A Bandeira representa a conexão do céu e a terra fazendo a mediação entre os Terena de Buriti e seus devotos com o padroeiro São Sebastião.

Conforme declarou Sr. Figueiredo: “a Festa de São Sebastião, não é três dias, três anos, são 94 anos de Festa. De novembro à janeiro a Terra Indígena Buriti, celebra esses momentos de fé...”. (2018)

AS FESTAS E A FESTA DE SÃO SEBASTIÃO

A 94ª Festa de São Sebastião na aldeia Buriti se iniciou no dia 15 de janeiro de 2018. A Festa de São Sebastião pode ser pensada como um bem dos Terena de Buriti; a ideia de bens está associada a ideia de marcadores de um processo social com um todo. Os bens são usados para marcar, no sentido de categorias de classificação, são dotados de valores pela concordância dos outros e pela comunidade. A Festa é um momento de uma experiência física e psíquica, a comida e a bebida dão sustento ao corpo físico, a reza, os cantos, as lamentações, a missa e a peregrinação dão sustento espiritual. Segundo Douglas, todos os bens são portadores de significado, mas nenhum o é por si mesmo:

Esse movimento dissolve a dicotomia cartesiana entre experiência física e psíquica. Os bens que servem às necessidades físicas – comida ou bebida – não são menos portadores de significado do que a dança e a poesia. Demos um fim à conhecida e equivocada distinção entre bens que mantem a vida e a saúde e outros que servem à mente e ao coração – os bens espirituais... assim como uma palavra de um poema usada em outro contexto não tem poesia, assim também um objeto físico não tem significado em si mesmo, e tampouco faz sentido de perguntar de por que é valorizado. O significado está nas relações entre todos os bens, assim como a música está nas relações marcadas pelos sons e não em qualquer nota (Douglas, 2006, p.121).

Devido às emoções e trocas envolvidas, comoções, doações não só na Terra Indígena Buriti, mas em toda a região, a Festa de São Sebastião parece ser um momento de misturas. O grande número de pessoas envolvidas que contribuem através de doações (principalmente de alimentos) e serviços para a realização desta Festa não é um acontecimento diário e pode ser caracterizado como um evento que proporciona um fenômeno social ‘total’, pois em primeiro lugar não é uma simples troca de bens entre

indivíduos e sim entre famílias, possibilitando o jantar a São Sebastião onde todos são convidados.

Trata-se, no fundo, de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca (Mauss, 1950/2013, p.212).

São Sebastião não possui significado por si mesmo, e tão pouco tem sentido a perguntar por que ele é valorizado. Como mencionado anteriormente, o significado está na relação dos Terena de Buriti com São Sebastião que se iniciou devido a um difícil período de epidemia; a Festa de São Sebastião da aldeia Buriti possui tanta importância na região que consta no calendário oficial da cidade de Dois Irmãos do Buriti.

Conversando com algumas lideranças políticas, religiosas e educacionais elas falaram do desejo de tornar a Festa de São Sebastião da aldeia Buriti como patrimônio cultural da Terra Indígena Buriti. Sobre o tombamento de um patrimônio cultural, Oliveira afirma a necessidade da conscientização do grupo em relação ao bem.

Portanto, antes de determinar que um bem seja patrimônio cultural de um lugar e de uma sociedade, devemos verificar como o grupo social detentor o enxerga. Só depois de analisarmos que o bem representa a cultura de seu núcleo social, carregado de significado e valores, é que poderemos identificá-lo como patrimônio cultural daquele povo (OLIVEIRA, 2015, p.30).

A Festa parece cumprir todos os requisitos acima citados, e principalmente ela representa a identidade cultural dos Terena da aldeia Buriti. A identidade Terena da aldeia Buriti está implicada na valorização que o grupo atribuiu a Festa de São Sebastião, considerada como um bem cultural entre os Terena de Buriti.

A 94ª Festa, como dito, se iniciou no dia 15 de janeiro de 2018, com a família Gabriel sendo os anfitriões. Os festeiros responsáveis por esse dia foram o senhor Argelino e a dona Estelfina Gabriel.

As 16:00 horas se iniciou a procissão, depois a Bandeira de São Sebastião passou por seis casas, parentes que moram ao redor do festeiro, responsável pela Festa do dia. Após a procissão e a reza, foi servido o jantar: churrasco, arroz, mandioca, macarrão e salada de repolho e tomate. Em torno das 21:00 horas iniciou-se o baile que contou com a animação de Thauanne Castro e Danilo gaita e grupo. O baile durou até o amanhecer.

É importante ressaltar, que os dias que precedem a semana do santo, a aldeia Buriti transborda em fartura de alimentos e confraternizações entre os devotos.

Os anfitriões da Festa do dia 16 de janeiro de 2018 foi o Senhor Naldenir Pinto Alves e Dona Diva, com a saída da Bandeira da casa do seu Argelino em procissão até a casa do Seu Naldenir. Chegando lá, a Bandeira passou pelas casas desse núcleo familiar; em cada casa os folieiros cantaram e rezaram, fazendo todo o ritual do santo. Logo após a oração foi servido o jantar: churrasco, arroz, mandioca, salada e macarrão. Após o jantar iniciou-se o baile com a apresentação do grupo Zíngaro e o grupo Mistureira.

No dia 17 de janeiro de 2018, a Bandeira foi acolhida na antiga casa de dona Senhorinha (a purungueira considerada a mais poderosa que a aldeia Buriti já teve, ela é sempre lembrada e seu prestígio perdura até hoje) e do seu Abadio Batista (*in memorian*).

Quando chegou à casa do anfitrião houve os cantos dos hinos e a reza de um terço. Após o terço, foi servido o jantar; o cardápio foi arroz, saladas, churrasco, mandioca e macarrão. Por volta das 21:00 horas começou o baile com o grupo Mistureira Pantaneira. No meio do baile ocorreu o leilão, foram leiloados bezerros, galinhas, bois e garrafas de uísque. O leilão durou uma hora e depois teve a continuação do baile, que durou até o amanhecer. É importante ressaltar que cada família é responsável pelo baile e jantar e se no dia dessa realização eles quiserem fazer algum leilão com doações recebidas fica a cargo do anfitrião; a verba levantada nesses leilões geralmente é para cobrir despesas do baile e do jantar.

No centro da aldeia de Buriti, a família Isabel também construiu uma capela, essa família é responsável pela Festa do dia 18 de janeiro. Dona Filomena e seu Gregório são os anciãos dessa família. As filhas/filhos e netos/netas são responsáveis pelo jantar e pela Festa. A família Isabel é vizinha da família Figueiredo, sendo a última casa a receber a Bandeira antes dela retornar para seu Juscelino, o festeiro principal, e daí à capela; a “recolhida”.

Nesse dia caiu uma forte chuva a tarde e devido a isso a procissão se iniciou um pouco mais tarde, por volta das 18:00 horas. Após o terço foi servido o jantar, com arroz, mandioca, churrasco, saladas e lasanha. A lasanha feita pela Terena Carol da família Isabel foi a sensação desse jantar. Esse ano foi muito importante para a família Isabel, pois eles estavam inaugurando o novo salão que construíram com muito esforço, para realizar a Festa do santo em sua casa.

Outra novidade da família Isabel foi a reforma da sua capela e do bar. A capela da família Isabel fica bem ao lado do bar da Festa, reportando à ideia de que determinados

espaços podem ser utilizados tanto para o sagrado quanto para o profano. Em cada dia de Festa, cada família anfitriã também é responsável pelo seu bar onde é possível arrecadar algum dinheiro.

Nessa ocasião, a animação ficou por conta do grupo musical Laço de Ouro. Ocorreu o leilão, onde novilhas, frangos, bezerros e uísque foram leiloados.

No dia de São Sebastião, 19 de janeiro, a principal Festa destinada ao santo com o retorno da Bandeira, foi realizada na casa de seu Juscelino Bernardo Figueiredo, o atual grande festeiro, e o dia amanhece bem movimentado, as mulheres transitavam pelos trieiros da casa da família Figueiredo com bacias cheias de mandiocas, verduras e legumes.

O preparativo da comida começou já no dia anterior. As mulheres fizeram um grande círculo para descascarem mandiocas com as crianças pequenas ao seu redor. Esse é o momento de atualizar as informações e, claro, ‘fofocar’ sobre o que aconteceu nas festas dos dias anteriores. Especificamente para esse dia foram doadas 12 vacas; eles carnearam 8 e 4 foram leiloadas. Os espetos de bambu de 2 metros de altura para se assar as carnes já haviam sido confeccionados muitos dias atrás.

As 11:00 horas iniciou-se o almoço dançante. Em ritmo de ‘bailão’, muitos casais ocuparam o salão. Às 13:00 horas o almoço foi servido; o cardápio era arroz, mandioca, macarrão, farofa de frango, saladas, linguiças e carnes assadas. Conforme as pessoas iam terminando de almoçar, o salão foi se lotando novamente com casais a bailar. Às 16:00 horas o almoço dançante foi encerrado, porque estava na hora de iniciar a procissão.

Alguns interlocutores explicaram que o momento do retorno da Bandeira na capela e o recebimento pela família Figueiredo é denominada de ‘recolhida’. Um momento muito emotivo para os devotos de São Sebastião. Após 79 dias levando a Bandeira em várias casas da região, os folieiros encerram a sua missão. Neste momento a capela se tornou pequena para tantos fiéis, os folieiros carregaram a imagem de São Sebastião e a Bandeira fora da capela, deram três voltas em torno desta e um dos folieiros entregou-a à família Figueiredo. A esposa de seu Juscelino, Dona Celina Figueiredo, recebeu-a muito emocionada, e seu marido agradeceu aos folieiros e festeiros presentes.

Nesse dia, a procissão reuniu muitos devotos. Havia cadeirantes, pessoas descalças, pessoas carregando imagens de São Sebastião e velas. A procissão foi embalada por cânticos católicos e rezas de terço. Este é um momento muito emocionante, de sentimento e devoção. Todos deram uma volta por toda aldeia Buriti até retornar à

capela de São Sebastião. Logo após teve início a missa; por volta das 17:00 horas um padre de Dois Irmãos do Buriti a celebrou.

Às 21:00 horas do dia 19 se iniciou o baile; esse dia foi o que estava com um público maior, devido a ser o dia do santo e também ser uma sexta-feira. Dois grupos musicais se apresentaram durante o baile, um deles era o grupo Pantaneiro, e também tiveram apresentações de cantores e músicos da aldeia Buriti. Entre as apresentações musicais ocorreu o leilão. Foram leiloadas vacas, bezerros, novilhas, galinhas e uísque.

Um dos festeiros, o professor Antônio Bernardo Figueiredo contou que o dinheiro arrecadado nos leilões também se transforma em benfeitorias para aldeia Buriti, como reformas nos salões e nas capelas de cada família festeira. Mas, principalmente, são destinados aos gastos do evento, como atrações musicais, seguranças, equipamentos de luz e som, gasolina para traslado de pessoas e de doações. Esse dinheiro primeiramente é destinado à logística para a realização da Festa, o excedente é destinado para benfeitorias dos espaços acima citados.

No dia 20 de janeiro de 2018 a aldeia Buriti continuou movimentada, mas ocorreu somente um baile à noite; os responsáveis pela animação foram: Patrick da gaita, Terena de Buriti de 12 anos de idade que está fazendo grande sucesso na aldeia e região, bisneto do Sr. Juscelino Bernardo Figueiredo.

Após a descontração da Festa do santo, no baile do dia 20, Sr. Juscelino Bernardo Figueiredo foi indagado sobre o porquê de se dar três voltas ao redor da casa ou da capela quando a Bandeira chega, e ele respondeu: “*Compromisso com o santo*”. Ele não quis falar qual compromisso seria esse; disse que é segredo.

Mesmo que Victor W. Turner (1974/2008) tenha observado rituais em outros contextos, parece contribuir para este trabalho quando diz que rituais são dramas que se representam. Segundo Turner (2008), os rituais podem surgir em momentos de dramas sociais como forma de ação reparadora, o que pode se observar nos rituais da Festa de São Sebastião. A Bandeira do santo é a reparação de possíveis conflitos que podem ocorrer na comunidade. Os ritos parecem possuir a finalidade de efetuar uma reconciliação entre partes visíveis e invisíveis.

Os rituais revelam assim os valores no seu nível mais profundo, conforme relata Wilson:

[...] os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais intensamente, sendo a forma de expressão convencional e obrigatória, os valores do grupo é que são revelados. Vejo nos estudos dos ritos a

chave para compreender-se a constituição essencial das sociedades humanas (Wilson, 1954 *apud* Turner, 1974/2013, p.23).

À GUIA DE CONCLUSÃO

Neste artigo a proposta foi a de apresentar a Festa de São Sebastião realizada a mais de 90 anos na aldeia Buriti/T.I. Buriti, iniciada com uma promessa, devido à epidemia de febre amarela que assolou a região e que se transformou em ‘tradição’.

Pensando os Terena como uma *estrutura performativa* (Sahlins, 1990) crê-se que a religião deva ser vista como um conjunto de ideias, através do qual os povos indígenas podem expressar uma visão cultural de sua própria história, manipulando e controlando suas representações. Dessa forma, pode-se vislumbrar São Sebastião como elemento ‘endógeno’, apropriado e ressignificado pela cultura Terena.

A inserção do cristianismo entre os povos indígenas é parte do processo ‘civilizador’ empreendido pelo ocidente. Mas, conhecendo o contexto histórico-cultural terena é possível pensar que a apropriação de outras manifestações religiosas tem um papel de destaque nessa cultura, pois isso sugere um padrão de convivência desta com outras culturas que enfatiza e valoriza, ressimbolizando a partir do seu arcabouço cosmológico, as diferenças que lhe são apresentadas.

Lembrando Terence Turner e o conceito de “agência” (*apud* Sahlins. 1997), a Festa possui o objetivo de nunca se esquecer da epidemia de febre amarela ocorrida em 1920 e o início do processo de redução do território tradicional; ela congrega características de sociabilidade, integralidade e pluralismo. É considerada ‘tradicional’ pelos Terena da aldeia e T. I. Buriti e também reconhecida como tal pelos regionais não-indígenas, mostrando-se flexível o suficiente para responder as modificações inevitavelmente ocorridas na comunidade frente a um processo ‘colonial’, e sendo capaz de carregar uma ideia de continuidade e revigor étnicos.

Sabendo não ser ‘de praxe’, os autores dedicam esse artigo a querida Dona Celina Figueiredo (*in memoriam*), esposa de Sr. Juscelino Figueiredo e, junto a ele, principal festeira de São Sebastião, falecida em dezembro de 2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acçolini, G. 2018. Pacificando doutrinas cristãs: protestantismo/pentecostalismo e seu apoderamento por sociedades indígenas. *Revista Nanduty*, v. 6, p. 87-100.

- Acçolini, G. 2015. *Protestantismo à moda Terena*. Dourados: UFGD, 2015.
- Albert, Bruce. 2002. Introdução. Cosmologias do contato no Norte-Amazônico. In: Albert, Bruce; Ramos, Alcida Rita. *Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte amazônico*. São Paula, Ed. UNESP: Imprensa Oficial do Estado,.
- Cunha, M.C. da. 2009. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify.
- Douglas, M. 2006. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Farias, E.B. 2015. *A criança indígena Terena da aldeia Buriti, em Mato Grosso do Sul: o primeiro contato escolar*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande – MS, 2015.
- Fonseca, M.B. 2017. *Resistência Terena: um estudo do impacto do agronegócio sobre a Terra Indígena Buriti, Mato Grosso do Sul*. 2017. Monografia (Graduação em Antropologia). Universidade de Brasília. Brasília,. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/1483/18072/1/2017_MarinaDeBarrosFonseca_tcc.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2017.
- Mauss, M. 2013. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.
- Oliveira Filho, J. P. 1998. *Indigenismo e territorialização: poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Oliveira Filho, J.P. 1998. de. *Uma etnologia dos “índios misturados”?* Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. **Revista Mana**, v.4, n.1. Rio de Janeiro.
- Oliveira, E.A. 2013. *História Terena da Aldeia Buriti: memória, rituais, educação e luta pela terra*. 2013. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados.
- Oliveira L.C. 2015. *Festa de Santos Reis: patrimônio imaterial de São Sebastião do Paraíso - Minas Gerais*. 2015. 164 f. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Oliveira, J.E.; Pereira, L.M. 2012. *Terra Indígena Buriti: perícia antropológica, arqueológica e histórica sobre uma terra Terena na Serra de Maracaju, Mato Grosso do Sul*. Dourados: UFGD.
- Péclat, G.T.S.C. 2003. *O empadão goiano: expressão de valores e práticas tradicionais*. 2003. 119 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Católica de Goiás – UCG.
- Sahlins, M. 1990. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Sahlins, M. 1997. *O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção*. **Revista Mana**, v. 3, n. 1, p. 41-73.

Turner, Victor W. 2013. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Turner, Victor W. 2008. *Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade moderna*. Niterói: UFF.

Wright, R. 2004. *Transformando os deuses*. Igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil. São Paulo: Editora da Unicamp, v. 2.

Wright, R. 1999. *Transformando os deuses*. Os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil. Campinas: Editora Unicamp.